

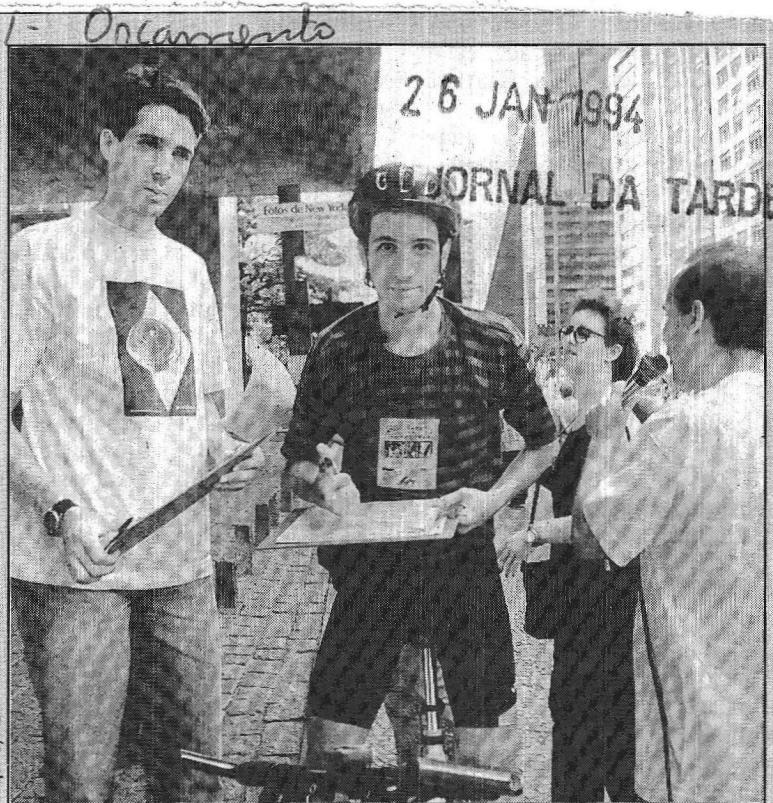
IMPUNIDADE

Pressão para não “acabar em pizza”

A CPI do Orçamento não pode acabar em pizza. Esta foi uma das frases mais ouvidas em todo o País durante os três meses da CPI do Orçamento. A campanha “Acabar em pizza, nunca mais” reviveu a expressão bastante usada em São Paulo, a capital brasileira da pizza, para designar impunidade, inconsequência. A expressão passou a fazer parte do dia-a-dia de uma das mais importantes investigações sobre os bastidores do Congresso. Até mesmo o presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), disse: “Cumprimos a nossa missão, não fizemos pizza”.

Apesar deste veredito, um dos membros mais ativos da CPI, o deputado Roberto Rollemberg (PMDB-SP) faz um alerta para que a imprensa e a sociedade continuem vigilantes para que as investigações não terminem em pizza. Segundo ele, nada garante, por enquanto, que os envolvidos em irregularidades serão mesmo cassados. Para Rollemberg, a condenação dos parlamentares pela CPI pode não ser confirmada na votação do plenário se a Comissão de Constitui-

Arquivo/AE



Campanha do JT: população adere ao movimento anticorrupção.

ção e Justiça da Câmara permitir a influência de interesses partidários. Ele adverte ainda que “se a Comissão não impedir a partidarização do processo, isso vai se refletir na votação do plenário”.

Já o coordenador-geral do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE), Emerson Kapaz, avalia que a CPI não acabou em pizza. Segundo Kapaz, a CPI chegou ao resultado possível,

“dentro de todas as limitações notoriamente conhecidas do Congresso”. “Nesta primeira fase de apuração da corrupção, o mais importante não é o número dos acusados, mas o processo de apuração que o Congresso conseguiu deslanchar. Os que consideram a CPI como um fim em si mesmo poderão se frustrar. Para nós, o processo está apenas começando.”